

Ulysses apela ao PMDB por mandato de 5 anos

BRASÍLIA — O Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, fez ontem dois apelos veementemente aos coordenadores de bancadas; pediu que busquem a unidade partidária nos trabalhos da Constituinte em torno do programa do PMDB e, também, que defendam o mandato de cinco anos para o Presidente José Sarney. A maioria dos 17 coordenadores, do grupo "Centro Democrático", ficou satisfeita com o resultado da reunião e com a aproximação de Ulysses de suas teses.

Ulysses Guimarães passou grande parte do encontro — um almoço em sua casa — defendendo o mandato de cinco anos, argumentando que se as eleições presidenciais forem marcadas para o ano que vem, além de "atropelar a Constituinte", o pleito seria municipalizado. A campanha para a sucessão de Sarney estaria deflagrada logo que a Constituinte



Expedito (à esquerda), "centrista", dá apoio a Ulysses

marcasse o dia da votação.

Vários coordenadores o apoiaram — Deputados Expedito Machado (CE), Roberto Rollemberg (SP), Antônio Gaspar (MA) e Marcos Lima (MG) e Senador João Calmon (ES) — enquanto davam a posição de suas bancadas em relação ao mandato de Sarney.

A única voz dissonante foi a do coordenador da bancada de Pernambuco, Deputado Maurílio Ferreira Lima, defensor de um mandato de quatro anos para Sarney. O Deputado Lélcio Sousa, da bancada do Rio

Grande do Sul, tem a mesma posição mas preferiu não se manifestar. Seu silêncio foi interpretado assim pelo "moderado" Marcos Lima:

— Quem cala consente.

O Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, chegou ao final do almoço mas ainda em tempo de se solidarizar com Ulysses por pregar a unidade partidária nos trabalhos constituintes. Ele lembrou que a falta dessa unidade permitiu a aprovação, nas subcomissões, de "propostas retrógradas", e acusou de inábeis as lideranças do PMDB que permitiram o retrocesso.

A observação do Governador motivou outro protesto de Maurílio, que indagou se fazia parte do programa do PMDB "atentar" contra a reforma agrária e contra o monopólio de refinamento do petróleo — posições "conservadoras" que prevaleceram nos anteprojetos aprovados nas subcomissões subordinadas à Comissão de Ordem Econômica. Ele disse considerar difícil a obtenção de consenso sobre essas matérias com os setores "conservadores".

O coordenador da bancada do Ceará e líder do "Centro Democrático", Expedito Machado, interveio afir-

mando que seu "grupo" entendia ser possível a obtenção de uma média do pensamento do Partido.

— Não faremos uma Constituição revolucionária nem conservadora — disse.

Maurílio Ferreira Lima deu o troco:

— Quando ainda temos alguém que fala em "meu grupo", podemos constatar a profundidade das divergências.

Alguns dos coordenadores de bancada que defendem um mandato de quatro anos para o Presidente José Sarney preferiram não comparecer ao almoço: Jutahy Júnior (BA), José Costa (AL), Sigmaringa Seixas (DF) e Raquel Capiberibe, do Amapá. Também não foi à casa de Ulysses — e nem foi convidado — o Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas, embora os dois temas principais abordados tenham se referido aos trabalhos a serem desenvolvidos na Assembléia. O Líder do PMDB na Câmara, Deputado Luiz Henrique, tentou justificar a ausência de Covas observando que não havia uma pauta para o encontro:

— O assunto sobre a Constituinte surgiu. Não foi programado.

Lideranças prevêm que Partido em crise vai deslocar-se para o centro

BRASÍLIA — Algumas das principais lideranças do PMDB reforçaram ontem o discurso sobre a necessidade da busca de um meio termo entre "conservadores" e "progressistas" em torno das propostas constitucionais — uma linha sempre retomada nos momentos de crise do Partido. Frente heterogênea, o PMDB costuma dividir-se entre as duas correntes, na retórica. Mas, na prática, encontra-se pelo centro a saída para as polêmicas fundamentais.

O discurso em torno da unidade partidária foi retomado nos últimos dias, tendo em vista a divisão do PMDB sobre a duração do mandato do Presidente José Sarney e, mais recentemente, em função das divergências ideológicas nitidamente identificadas no produto final das subcomissões: a ala "moderada" do PMDB fechou posição com partidos conservadores, enquanto os "progressistas" votaram com os partidos de esquerda.

Ontem, o Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, fez mais um apelo no sentido da busca de um pensamento médio das tendências existentes dentro do PMDB. No almoço em sua residência, com os coordenadores de bancada, Ulysses foi secundado pelo Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, que lembrou que, desde que o Partido foi fundado, fala-se em crise.

— Mas, como sempre, vamos chegar a um consenso — disse.

Este apelo — como ocorreu ontem — costuma encontrar eco principalmente nos setores "moderados". Motivo: os "progressistas" entendem que o universo "moderado" é essencialmente conservador, sendo praticamente impossível que se mova o suficiente para a esquerda, a ponto de satisfazê-los. Esse deslocamento dos "moderados" para a esquerda estagnaria no centro.

Grupo de Covas acha que Deputado está repetindo táticas de Tancredo

BRASÍLIA — O almoço oferecido pelo Deputado Ulysses Guimarães aos coordenadores de bancada do PMDB, ontem, representou para a ala "progressista" a celebração de um acordo que coloca o Presidente do Partido alinhado aos "moderados" na defesa dos cinco anos de mandato do Presidente Sarney. Os parlamentares fiéis à liderança do Senador Mário Covas dizem que Ulysses tenta, com isso, viabilizar sua candidatura à Presidência da República com o apoio do Planalto e dos "conservadores".

Irritados, os seguidores de Covas acusaram Ulysses de repetir a estratégia de Tancredo Neves, que controlava o Partido com o apoio desse grupo "moderado". Para eles, Covas ocupa hoje a posição que, na época da campanha para a sucessão de Figueiredo, Tancredo destinou ao próprio Ulysses.

Covas continua cauteloso, mas tem dito a amigos que Ulysses faz "jogo duplo", alinhando-se ao Planalto e aos "moderados", esquecendo-se de que reduz seu cacife eleitoral com essa estratégia. Um parlamentar da cúpula do PMDB vai além:

— Daqui a pouco, o Ulysses não vai poder andar nas ruas, pois preferiu optar pela manobra de gabinetes. Ele tenta, visivelmente, viabilizar a sua candidatura via Planalto, e já foi advertido diversas vezes para o risco de um suicídio político.

Um dos políticos mais ligados a Covas, o Deputado Antônio Perosa (SP), revelou ontem que ele estava abatido, achando que Ulysses o usou, convidando-o para ir ao Palácio do

Planalto no curto período em que assumiu interinamente a Presidência da República. Covas passou a alimentar essa convicção após saber da reunião de ontem. Perosa acusou:

— Ele pediu que Covas fosse ao Palácio e depois, pelas costas, promoveu a reunião.

Outro parlamentar ligado a Covas disse que já chegou ao Partido a notícia de um encontro entre Ulysses e o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna, no qual foi oferecido ao Presidente do PMDB a liderança da ala moderada: "Por favor, Ulysses, assumam essa liderança", teria dito Sant'Anna, na versão desse parlamentar.

O Deputado Marcus Lima (MG), da bancada "moderada", explicou assim a reunião-almoço de ontem:

— O Covas desagrega o Partido, pois é o único que insiste nos quatro anos. O líder é o Ulysses.

Outra explicação para a repentina aproximação de Ulysses da corrente "moderada", na visão dos "progressistas", é de que ele optou pelo grupo que não conta, pelo menos no âmbito do Congresso, com uma liderança expressiva, capaz de disputar uma indicação para concorrer à sucessão de Sarney. Os adversários de Ulysses, nesse caso, estariam restritos à área de influência de alguns governadores que aspiram a concorrer, como Orestes Quércia (SP) e Waldir Pires (BA). Pelo menos no Congresso, os possíveis concorrentes de Ulysses são todos do outro grupo, que tem como expoentes Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Richa.

Nova frente busca apoio pluripartidário

BRASÍLIA — A necessidade de uma ampla negociação entre grupos "progressistas", "liberais", "nacionalistas" e "democráticos", para garantir uma Constituição mais adequada aos interesses da sociedade, começa a produzir a articulação de uma frente interpartidária para atuar nas comissões e no plenário, sob o comando do Líder do PMDB, Senador Mário Covas, que consideram o principal alvo dos "conservadores" no Congresso. Já foram marcadas duas reuniões.

A primeira será terça-feira, no apartamento do Senador Affonso Camargo (PMDB-PR) e reunirá os "nacionalistas", cuja presença é reclamada na coligação pelo PCB, para "isolar os reacionários e entreguistas", conforme disse seu Líder, Roberto Freire. A segunda reunião, na quarta, reunirá lideranças do PMDB, PCB, PC do B, PT, PSB e PDT, que vão procurar apoio de outros parlamentares do PMDB, PFL, PDC, PTB e PDS.

O Presidente do PC do B, João Amazonas, conversou ontem com Covas. Eles concluíram que uma Carta antiquada frustraria a população e seria desencadeada a campanha das diretas em cima de uma Constituição que nascera morta. Amazonas disse ter sido alertado pela Contag de que ocorrerão invasões anárquicas de terras se a reforma agrária



Fernando Henrique (tomando café com Lula): o "Líder ideal"

não ficar estabelecida na Constituição, o que criaria uma instabilidade institucional muito grande no País.

O grupo de Covas, que já vem conversando com o Líder do PDT, Brandão Monteiro, e outras lideranças, há mais de 15 dias, acha que poderá contar com até 250 deputados imediatamente, podendo ampliar esta frente dependendo das articulações, principalmente dentro do PMDB.

— Isto faz parte do jogo. Se o Covas está jogando, tudo bem — disse o petista José Genoíno, que defende a atuação da frente em questões como a defesa da soberania, da mobilização popular e até do mandato de Sarney. Em outras questões, como a militar, Genoíno não vê condições de manter o bloco: "A esquerda atuará sozinha".

Os Vice-Líderes Miro Teixeira (PMDB-RJ) e Antônio Perosa (PMDB-SP), informaram que as negociações estão em andamento. O Senador Albano Franco (PMDB-SE), Presidente da Confederação Nacional de Indústrias, já acertou alguns pontos em que votaria com esta frente: a favor do monopólio da exploração do petróleo e contra a internacionalização do subsolo.

Até no PFL há a defesa pública da necessidade de uma contra-ofensiva aos "conservadores". O Vice-Líder Aleni Guerra (PFL-PR), por exemplo, só discorda de se escolher Covas para liderar a frente, por causa de seu mau relacionamento com o Líder do PFL, José Lourenço. E insinuou:

— Onde está o Fernando Henrique? Ele é o líder ideal. Sabe ouvir com a alma.